**FICHAMENTO**

Nome: Isadora Morcelli Loureiro Matéria:CS107

**Livro:** *CIBERNÉTICA E SOCIEDADE - o uso humano dos seres humanos.*

**Autor:** NORBERT WEINER **Forma de leitura:** PDF

**Norma ABNT :** WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade - o uso humano dos seres humanos.* 2ª edição. São Paulo. Editora Cultrix, 1954.

**Legenda da formatação:**

* **Itálico e azul** : Citações
* Seta roxa (*➝)* : Comentário

**CAPÍTULO V - ORGANIZAÇÃO COMO MENSAGEM (pág 94 a 103)**:

**RESUMO:** Traz questões biológicas sobre as constituição da individualidade do organismo e da base da comunicação, a transmissão de mensagem.

- Questão a ser desenvolvida no capítulo: *“ A metáfora a que devoto êste capítulo é aquela em que o organismo é visto como mensagem.”* ( pág 94 )

- HOMEOSTASE - mecanismo biológico de sobrevivência do ser humano, que regula o organismo para resistir à situações hostis (final da pág 94, começo da 95)

- Estamos em constante transformação biológica - *“ Não somos material que subsista, mas padrões que se perpetuam a si próprios. Um padrão é uma mensagem e pode ser transmitido como tal. “* (pág 95)

- *“É divertido, tanto quanto instrutivo, imaginar o que aconteceria se transmitiremos o padrão global do corpo humano, do cérebro humano com suas recordações e suas conexões entrecruzadas, de modo que um hipotético instrumento receptor pudesse incorporar tais mensagens numa matéria apropriada, capaz de dar continuidade a processos já em curso no corpo e na mente, e de manter a integridade necessária a tal continuidade por via de um processo de homeostase.” (*pág 95)*➝* Me remete a “ Promessa da Inteligência Artificial”

- Pode se expandir a transmissão das ideias e experiências para o mundo sem haver o transporte físico do corpo (pág 96), usando de exemplo o caso do “UltraFax” ( pág 97), com isso *“Ver e dar ordens ao mundo inteiro é quase o mesmo que estar em tôda parte.”* (pág 96).

- *“... o transporte de mensagens serve para enviar, de um a outro confim do mundo, uma extensão dos sentidos do homem e de suas aptidões para a ação. Já sugerimos, neste mesmo capítulo, que a distinção entre transporte material e transporte de mensagem não é, em qualquer sentido teórico, permanente e infranqueável.”* ( pág 97)

- O autor traz as questões da essência da Individualidade e dos limites de separação das Personalidades (pág 97). Para isso faz uma retrospectiva, trazendo a definição de Alma da religião Cristã (pág 97), as diferenças das definições do Budismo (pág 98), a tentativa de explicação nos primórdios da ciência com ênfase em Leibnitz (pág 98), a questão dos gêmeos e “monstros duplos” e suas personalidades (pág 99), além do Dr. Morton Prince e as múltiplas personalidade (pág 100). Ele c*onclui o* que fica evidente *“A identidade física de um indivíduo não consiste na matéria de que é feito. “* (pág 100).

*- “ A individualidade biológica de um organismo parece residir numa certa continuidade de processo, e na memorização, pelo organismo, dos efeitos de seus desenvolvimentos pretéritos. Isso parece também aplicar-se ao seu desenvolvimento mental. Em termos de máquina computadora, a individualidade de uma mente está na retenção de seus anteriores registros e recordações e no seu contínuo desenvolvimento segundo linhas já traçadas”* (pág 100)

*- Com isso o autor faz uma analogia as máquinas que possuem o mesmo padrão , mas trabalham paralelamente, “(...)de maior ou menor grau de independência.”* (pág 101),*com os seres vivos que possuem o mesmo passado, como irmão gêmeos idênticos, sendo possível a diferenciação destes ao decorrer de sua trajetória.*

* *“Para recapitular: a individualidade do organismo é antes a de uma chama que a de uma pedra, de uma forma mais que de um bocado de substância. Essa forma pode ser transmitida ou modificada e duplicada, embora, presentemente, saibamos apenas como duplicá-la numa curta distância. (...) não há distinção absoluta entre os tipos de transmissão que podemos utilizar para enviar um telegrama de um país a outro e os tipos de transmissão que, pelo menos teòrica- mente, são possíveis para a transmissão de um organismo vivo, tal como o ser humano.”* (pág 101).

- O autor demonstra que o teletransporte não é uma ideia absurda, mas sim distante de ser realizada pela complexidade de informações do organismo para ser destruída e recriada em outro lugar do mundo (pág 101 e 102).*➝* Seria como uma impressora ?

- Como retomada da metáfora trazida no início:

* “ Referi tais coisas não porque deseje escrever uma história de ficção científica acêrca da possibilidade de telegrafar um homem, mas porque esta pode ajudar-nos a entender que a idéia fundamental da comunicação é a transmissão de mensagens, e que a transmissão corpórea de matéria e de mensagens é apenas uma das maneiras concebíveis de atingir êsse fim” (pág 103).

*➝* Achei muito interessante as reflexões do autor, e curiosa sobre o desenvolvimento do teletransporte.

**CAPÍTULO VI - Lei e Comunicação ( pág 104 a 110)**:

**RESUMO:** O autor disserta sobre a lei, e como deveria ser conceituada para não ocorrer injustiças, analisando algumas situações.

* Definição da lei:
* “(...)como o controle ético aplicado à comunicação, e à linguagem enquanto forma de comunicação, especialmente quando tal aspecto normativo esteja sob mando de alguma autoridade suficientemente poderosa para dar às suas decisões o caráter de sanção social efetiva.”

- De acordo com o autor a teoria e a prática da lei encontra dois grupos de problemas, sendo um deles a concepção tida de justiça e o outro as técnicas que colocam em prática as leis. Para confirmar essa situação, relata sobre diversidade de conceitos de justiça ao decorrer da história humana. (pág 104)

- As características necessárias da lei para o autor são as palavras base da Revolução Francesa “(...) Liberté, Égalité, Fraternité.” (pág 105), explicando que Liberté representa a plena liberdade de desenvovimento d todo ser humano, Égalité é a igualdade “ (...) pela qual o que é justo para A e B continua a ser justo quando as posições de A e B se invertem (...)” já Fraternité “(...) uma- boa vontade, entre homem e homem, que não conheça outros limites além dos da própria Humanidade.” Com isso nenhum pacto seria desonesto e prejudicial para um dos lados ( pág 106).

- Para o autor, a lei deve ser clara e reproduzível, para não haver desfiguração de seus conceitos de acordo com a interpretação pessoal do indivíduo. Assim,por exemplo, pode se prever a sentença do juiz, além de não haver mudanças prejudiciais com a troca, já que todos possuem o mesmo entendimento da lei, havendo assim equidade (pág 105, 106, 107) . Ele também acredita que os precedentes são essenciais:

- “Eximir-se em face de uma decisão pronunciada num caso já existente é atacar a unicidade de interpretação da linguagem jurídica e, ipso jacto, ser causa de imprecisão e, muito provavelmente, de conseqüente injustiça. Cada caso julgado deve fazer progredir a definição dos termos legais envolvidos, de maneira compatível com decisões anteriores, e deve levar, naturalmente, a novas.” (pág 106).

- Ele exemplifica a ausência de ambiguidade, os precedentes e a interpretação como sobressalentes em relação a “equidade teórica” no caso do Direito Civil com a Lei de Danos e no também nos contratos (pág 107).

* “Para podermos pôr em prática uma filosofia de liberdade, igualdade e fraternidade, devemos então acrescentar, à exigência de que a responsabilidade legal esteja isenta de ambigüidade, a exigência de que não seja de natureza tal a permitir que uma das partes fique sob coação enquanto a outra permanece livre.”

- Para demonstrar a situação acima, o autor traz a história da colonização americana, sua ambiguidade no entendimento do branco e do “índio” e suas consequências (pág 108).

- Em relação ao Direito Criminal, ele afirma que a punição em um momento se apresenta como um exemplo para desmotivar outros indivíduos, em outro momento “ ato ritual de expiação” (pág 108) e já em outro momento afastar o perigo da sociedade. Acredita que assim não conseguiremos outra coisa além da confusão ( pág 108 e 109)

- O autor faz um breve resumo do capítulo:

* “Formulemos assim a questão: o primeiro dever da lei, quaisquer que sejam o segundo e o terceiro, é o de saber o que deseja. O primeiro de quaisquer que sejam o segundo e o terceiro, é o de saber o que deseja. O primeiro dever do legislador ou juiz é o de fazer formulações claras, isentas de ambigüidade, que não apenas os especialistas, mas também o homem comum da época, interpretarão de uma — e de uma só — maneira. A técnica de interpretação de julgamentos passados deve ser de tal espécie que o advogado saiba não apenas o que um tribunal disse, como até mesmo, com grande probabilidade, o que o tribunal irá dizer. Dessarte, os problemas da lei podem ser considerados problemas de comunicação e cibernética — vale dizer, problemas de controle sistemático e reiterável de certas situações críticas.” (pág 109).

- O autor termina o capítulo justificando o porque o “ruído” da mensagem da lei no conflitante Sistema Legal é maléfico, já que causa impede que a justiça prevaleça. (pág 110).

*➝ Gostei muito das considerações dele sobre a lei, e sobre sua necessidade de não ser ambivalente, mas não me parece muito palpável olhando a situação atual.*

*➝* É uma visão que traz muito em meus pensamentos o racismo da justiça atual.